

Rei Lear: o herói trágico moderno¹

Vanderléia Leal Pinto²

Resumo: Este artigo faz uma análise crítica e literária do herói trágico moderno na obra “Rei Lear”. Descreve-se como os heróis são classificados, desde o épico, ao trágico clássico, com ênfase no herói trágico moderno, visto como o responsável por de sua própria queda ao escolher caminhos errados. Conclui-se que o personagem Rei Lear é um herói trágico moderno por ter tomado decisões que o levaram a uma queda fatal, como aceitar a bajulação das filhas oportunistas e recusar o amor sincero da filha que verdadeiramente o amava.

Palavras-chave: Herói trágico moderno, Rei Lear.

Abstract. This article makes a critical and literary analysis of the modern tragic hero in the work “King Lear”. It is described how the heroes are classified, from the epic to the classic tragic, emphasizing the modern tragic hero, seen as the responsible for his own fall when chose wrong ways. The conclusion is that the character king Lear is a modern tragic hero by deciding for things that lead him to a fatal fall, such as accepting being flattered by his opportunist daughters and refusing the sincere love of the one who really loved him.

Key-words: Modern tragic hero; King Lear.

INTRODUÇÃO

Pesquisar Rei Lear como herói trágico moderno e mostrar as diferenças entre este e os outros heróis existentes se constitui um desafio que nos obriga a rever vários textos, além daquele da própria obra de Shakespeare, para poder estabelecer em que Rei Lear se difere de heróis e como associa-lo ao trágico moderno. O trágico moderno é um herói que não se encaixa na definição de heróis trágicos clássicos como é o caso desta obra, que é o “Rei Lear”. O protagonista da obra homônima vai ser analisado neste estudo como um herói trágico moderno, numa tragédia onde o poder, a vingança e o amor humano se impõem à realidade de um rei que vive um desvairio após ser expulso de sua casa por duas filhas e de ser injusto com sua terceira filha. No contexto da obra, deveremos delinear quais as características do personagem protagonista que embasam a categorização dada a ele como herói trágico moderno.

A pesquisa será de caráter bibliográfico qualitativo, e o personagem Rei Lear será analisado como herói trágico moderno, através de levantamentos teóricos a serem

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras - Língua portuguesa e Inglesa pela UFAM - IEAA.

² Acadêmica finalista do curso de Letras - Língua Portuguesa e Inglesa da UFAM - IEAA.

feitos com base em Kothe (1987), Feijó (1984), Eikhenbaum (1973), Aguiar e Silva (1982), entre outros, sobre a personagem e, em específico, sobre o herói.

Personagens

Beth Brait reflete sobre o trabalho de criação de um personagem na obra *A personagem*. Ela esclarece que o *texto* vem sendo o espaço de existência da personagem. A essa palavra cabem duas “manifestações de natureza diferente: a *ficção literária*, que materializa esses seres, e o *texto crítico* que, com seus instrumentos específicos, persegue a natureza desses seres”. (BRAIT, 1993, p.6).

Com essa mesma reflexão, vários estudiosos de diferentes épocas fizeram estudo a respeito da personagem. O termo personagem vem do latim, *persona(m)*, cujo significado é máscara de ator de teatro. A personagem é vista como principal representante de uma atuação, pois ela é capaz de interpretar diferentes sentimentos, prazeres, esperanças e remorsos através de sua atuação. (KOTHE, 1987).

Para poder analisar o herói da obra, é preciso primeiro classificar as personagens, haja vista estarmos falando em herói, a personagem protagonista.

De acordo com Eikhenbaum (1973, p. 193) “o personagem tem a função de fio condutor e permitir que nos orientemos no acúmulo dos motivos, de um meio auxiliar destinado a classificar e ordenar os motivos particulares”. Ou seja, é a partir da personagem ou das personagens que ocorrem as ações, como corrobora Aguiar e Silva: “A personagem constitui um elemento estrutural indispensável da narrativa romanesca” (1982, p.655), é a partir dos personagens que os outros elementos da narrativa se desenvolvem.

Classificam-se as personagens em: protagonistas e secundárias, sendo ainda vistas em sua complexidade como planas ou redondas, de acordo com Aguiar e Silva (1982). O protagonista é também chamado de herói e a ele se opõe o antagonista.

O protagonista representa, na estrutura dos actantes ou agentes que participam na ação da narrativa, o núcleo ou ponto cardinal por onde passam os vectores que configuram funcionalmente as outras personagens. (AGUIAR E SILVA, 1982, p.667).

A personagem protagonista sustenta o eixo da narrativa, é a ela que cabe a ação da narrativa, tudo ocorre em torno dela, e se caracteriza como herói ou anti-herói. É de fundamental importância na maioria dos fatos e desempenha ou ocupa o primeiro lugar nestes fatos.

Há aquela personagem que se opõe à protagonista, é a antagonista. Ela também se destaca na obra, exerce o papel do, vulgarmente chamado, vilão na trama, pode impedir o protagonista de alcançar seus objetivos, assim mudando o curso da trama.

As personagens secundárias participam da ação, no entanto não desempenham papéis decisivos, ajudam apenas a compor o ambiente ou espaço social, como notamos.

Os personagens secundários seriam os outros personagens da obra estudada, são aquele que contrapõe à personagem principal – e que, muito texto, coincide com o deuteragonista – e os comparsas, as personagens acessórias ou episódicas. (AGUIAR E SILVA, 1982, p.p.667-668).

É esse o caráter fundamental da personagem secundária dentro da obra, o de ajudar como acessório para o desenrolar da trama. Normalmente, essas personagens não mudam suas atitudes em toda a trama, são chamadas de personagens planas. Aqui, já nos referimos à complexidade da personagem. Planas são aquelas personagens estáticas definidas por uma única qualidade ou defeito do início ao fim da narrativa, como se nota: “As personagens desenhadas são definidas como linearmente apenas por um traço, por um elemento característico básico que as acompanha durante todo texto”. (AGUIAR E SILVA, 1983, p. 677).

Essa personagem também pode ser vista como “tipo” literário, ou seja, personagens conhecidas por representar um tipo popularmente conhecido, mas geralmente através de uma perspectiva satírica ou crítica da sociedade. Um exemplo clássico deste tipo de personagem é visto em “O Primo Basílio”, de Eça de Queiroz, no Coronel Acácio, tipo falastrão e convencido, com idéias solenes e vazias que se repetem do início ao fim da narrativa.

Já aquelas personagens que apresentam comportamentos imprevisíveis, misterioso, que vão sendo surpreendendo o leitor no decorrer da narrativa são chamadas de redondas como vemos:

As personagens conhecidas como redondas oferecem uma complexidade muito acentuada e o romancista tem de lhes consagrar uma atenção vigilante, esforçando-se por caracterizá-las por diversos aspectos [...] a densidade e a riqueza destas personagens não as transformam, porém, em casos de absoluta unicidade: através das suas feições peculiares, das suas paixões, qualidades e defeitos, dos seus ideais, tormentos e conflitos, o escritor ilumina o humano e revela a vida (AGUIAR E SILVA, 1982, p.678).

Nestas personagens nota-se que seu caráter, suas atitudes, suas ações e principalmente o seu heroísmo aparecem. A sua personalidade muda e seus conflitos se evidenciam e surpreende o leitor. São personagens facilmente encontradas na literatura em todas as partes do mundo, como Luísa, protagonista de “O primo Basílio”, de Eça de Queiroz, já citado, que apresenta caráter diverso no decorrer da narrativa, arrependendo-se após enredar-se em um caso extraconjugal.

O herói, personagem protagonista, apresenta esta complexidade e não pode ser facilmente descrito pelo leitor, pois pode mudar constantemente e variar sua conduta ou seu caráter. Como exemplo deste tipo de personagem, podemos citar Hamlet, o protagonista da obra homônima de Shakespeare. Este herói tem dúvida e incertezas, mudando de opinião quanto a vingar o pai ou não, confundindo o leitor e mesmo os outros personagens à sua volta.

Vejamos agora com mais cuidado a descrição o herói, personagem que mais nos interessa neste trabalho.

Herói

Falar em herói envolve mais do que simplesmente descrever o herói da literatura, haja vista o termo ser bastante abrangente. No dicionário Aurélio encontramos a seguinte definição: “Herói. sm. 1. Homem extraordinário pelos feitos guerreiros, valor ou magnanimidade. 2. Protagonista de obra literária.” (FERREIRA, 2000, p. 362).

Para Feijó (1984), o herói pode ser encontrado em mitos, na História, na literatura, Antropologia, psicologia, na música, nas histórias em quadrinhos, etc. Este autor acredita que muitos heróis históricos foram confundidos com literários, dada a dificuldade em provar a veracidade de relatos em tempos antigos e mesmo antes da escrita. Com o passar do tempo e o avanço econômico mundial os heróis se modificam também, acompanhando um ritmo mais acelerado de vida. Assim é que temos figuras tão diversas consideradas todas como heróis, a saber: Hércules, um herói mítico; Buda,

um herói religioso; Alexandre, o Grande, um herói histórico; Super-Homem, um herói em quadrinhos; e nos aproximando mais da realidade nacional, Lampião, um herói político no nordeste do país. (FEIJÓ, 1984).

Quando consideramos os heróis da literatura, que mais nos interessam neste momento, devemos explicar as três classificações para os diferentes tipos de heróis literários: épico, trágico clássico e trágico moderno. (KOTHE, 1987)

O herói épico surge a partir da criação de um mito, suporta o presente que lhe é proposto, enfrenta seus desafios de maneira soberana e auto-suficiente, se identifica como os seus antepassados com enormes virtudes para se manter fiel a si próprio. O herói épico avança em direção à sua humanidade, é no momento da sua queda que ele se engrandece, o seu status de conservadorismo acompanha sua postura e seus valores diante da sociedade que o julga. O herói épico pode ter parte na própria desgraça que o rebaixa. Além disso, como já dito, ele reforça os mitos e desejos coletivos, como vemos:

O herói épico é poético, seus criadores dão forma artística às crenças, aos mitos, aos anseios e desejos coletivos, criam às vezes os mitos que passa por um processo de transformação, pela interferência do poeta, que a partir dele busca a compreensão da essência humana, tendo e transmitindo o prazer da descoberta. (FEIJÓ, 1984, p. 52).

O herói épico deve se elevar no momento de sua degradação e não pode fugir a seu destino. Para este herói, o momento de sua queda é importante, como vemos:

Heitor com medo de morrer, Heitor fugindo, Heitor vencido e tripudiado. Mas à medida que o herói épico decai em sua “epicidade”, ele tende a crescer em sua “humanidade” e nas simpatias do leitor/expectador. Em suas andanças de puro guerreiro, ele tende a se aproximar do pseudo-herói das “narrativas triviais masculinas”, mas ele não se esgota em enfrentar dificuldades e vencer no fim (KOTHE, 1987, p. 14).

O herói trágico clássico não é muito diferente do épico, ele renuncia a si próprio para se elevar diante da sociedade:

O herói trágico clássico é aquele que descobre com passar do tempo que o seu agir foi errado; que não devia ter feito tudo o que fez, que é fraco na correlação das forças, embora aparente se forte, é ao cair que ele redescobre a sua grandeza. (KOTHE, 1987, p. 26).

Este herói tem seu destino traçado, fazendo com que ele não se conforme com o mesmo. O herói continua à procura de uma nova descoberta para que o seu destino mude e o seu final trágico seja superado, embora sem sucesso. Assim ocorre com Édipo, de Sófocles, cujo destino trágico (matar o pai e casar com a mãe) fora previsto pelo oráculo em seu nascimento. “O herói trágico é derrotado diante da força do destino, mas o que humaniza, o que dá a ele uma ‘paixão terrestre’, é exatamente a sua luta contra isso” (FEIJÓ, 1984, p. 61). Podemos afirmar que o que diferencia o herói épico do trágico é o fato de que no primeiro o destino prevalece, sem que se possa escapar enquanto no segundo há a luta contra este destino. Para Kothe: “Mas, a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as ‘baixeiras’ do herói épico é o que o elevam” (1987, p. 12). Ainda sobre este herói trágico, importa verificar que:

O herói trágico é, originariamente, um bode expiatório. Diz-se que “bom cabrito não berra”. Mas o herói trágico, pelo contrário, é um bode que berra ao ser sacrificado, expõe publicamente o que lhe acontece, enquanto o destino, com mãos de ferro, pendura-o de cabeça para baixo e se prepara para cortar-lhe o pescoço (KOTHE, 1987, p.13).

Diferente dele é o herói trágico moderno, que se sente superior e não crê na ética social e em si próprio, é a partir do seu ponto de vista que ele constrói a sua decaída, se tornando inferior aos demais heróis. Na modernidade, o herói clássico não se “encaixa” mais, por isso temos um novo herói, com espírito individual. Fehér explica a diferença entre o herói da epopéia e o herói do romance, gênero literário mais moderno:

[...] na epopéia, não é apenas o quadro geral do universo que se acha pronto desde o primeiro momento, mas também – por vontade exclusiva do Olimpo - a ação: o herói apenas cumprirá a trajetória que lhe tinha sido designada. [...] o romance não fez seu herói agir graças a “instâncias superiores”, mas segundo sua própria presunção teleológica; e assim que ele funda seu próprio universo (ou, pelo menos, esforça-se para construí-lo de acordo com sua teologia pessoal) [...] (1972, pp. 17-8).

O mais importante na caracterização deste herói trágico moderno é que ele possui uma fraqueza moral que o faz cair, que o faz falhar. Sendo assim, este herói não cai por forças do destino, mas por escolhas impróprias, erradas. Nas palavras de Fehér, vemos que este herói moderno não deve “agir graças às “instâncias superiores”, mas

segundo sua própria presunção teológica” (1972, p. 18). Vejamos adiante como nosso herói, Rei Lear, cai, como falha, agindo conforme seus próprios desígnios.

O autor e sua obra

O período elisabetano é considerado até hoje um dos pontos áureos da história inglesa, tanto na política quanto na arte. Foi nesse tempo que um jovem interiorano começou a fazer sucesso com suas peças em Londres. Seu nome é William Shakespeare. (HARRISON, 1972)

William Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon, uma cidadezinha da Inglaterra. Aos 23 anos vai para Londres e logo se enturma em uma das companhias reais, fazendo sucesso primeiro como ator, pouco depois, como autor de peças que emocionam o público. Shakespeare começa a incomodar alguns dramaturgos de sucesso, que se irritam com a ascensão de um homem vindo do interior, sem educação formal. Ao longo de sua vida, Shakespeare produziu 39 peças, essas peças costumam ser divididas em três partes: primeiro, os dramas históricos; depois, as bem-sucedidas comédias; por fim, seus famosos dramas, com os quais alcançou a fama entre o público e o reconhecimento da crítica. As peças históricas de Shakespeare nunca agradaram muito ao público, eram longas e exigiam um bom conhecimento do contexto do período. As comédias são mais famosas, que inspiraram boas montagens cinematográficas, caso “A megera domada”. Mas é no drama que Shakespeare se revela, no caso de “Rei Lear”, “Macbeth”, “Hamlet”, entre outras. Shakespeare morre no final de abril de 1616, e suas obras continuam fazendo sucesso até hoje. (HALLIDAY, 1990)

“Rei Lear” foi escrita no ano de 1605 por William Shakespeare, apenas dez anos antes de sua morte. É uma tragédia de um rei que divide seu reino entre suas três filhas para que não haja um desentendimento entre elas, mas acaba decepcionado com uma das filhas, que não lhe demonstra gratidão. As duas outras filhas acabam se voltando contra o pai. Depois da conspiração de alguns nobres, o velho rei foge e vai ao encontro da filha com quem, antes, havia brigado e deserdado. As duas irmãs que tinham conspirado contra o pai acabam envolvidas em uma disputa e morrem. A peça termina com a morte do rei e da filha que o acolhera e o reino fica desestruturado.

REI LEAR: UM HERÓI TRÁGICO MODERNO

“Rei Lear” é considerada a obra mais inovadora de William Shakespeare, tem a ausência do divino, é um drama familiar, no qual o personagem principal é título e o herói da obra (HALLIDAY, 1990). Essa é uma interpretação possível para a trama de “Rei Lear” que tem início com a divisão de bens de um rei, que está prestes a morrer. Esta personagem pode ser considerada redonda, pois se modifica ao longo da narrativa, surpreendendo o leitor com sua complexidade. Ele é um homem importante, mas não tem nenhuma virtude, pois não soube identificar o amor das filhas, cometendo um erro quando expulsa a filha mais nova de casa e a entrega ao casamento sem dote.

A narrativa é a história de rei chamado Lear, que decide dividir seu reino com suas três filhas: Regane é esposa do duque de Cornualha; Goneril esposa do duque de Albany; e Cordélia que tinha como pretendentes o rei da França e o duque de Borgonha. O rei divide o seu reino com suas filhas, mas quer que elas demonstrem a gratidão e o amor que sentem por ele. Regane e Goneril são exageradas, bajuladoras e vaidosas, não medem esforço em demonstrar esse amor pelo pai, como vemos:

GONERIL - Senhor, eu vos amo mais do que possam expressar quaisquer palavras, mais do que à luz dos meus olhos, do que o espaço e a liberdade; além de tudo que possa ser avaliado, rico ou raro; não menos do que à vida dotada de graça, saúde, beleza ou honras; tanto quanto nenhum filho amou jamais o próprio pai; nem pai algum foi amado. Um amor que torna pobre o alento e a palavra insuficiente. Eu vos amo além de todos os limites possíveis. (SHAKESPEARE, 2005, pp.30-31).

Lear fica orgulhoso e feliz com essa demonstração de amor de Goneril, e lhe dá uma parte do reino onde o rio é abundante, suas florestas são úmidas e férteis, e suas planícies ricas de diversas espécies de animais. Vemos como este herói gosta de ser bajulado pela filha e aqui começamos a perceber suas falhas.

Regane não faz diferente de sua irmã Goneril, demonstra gratidão e respeito pelo pai, exaltando com muito amor e não mede as palavras, como se nota:

REGANE — Sou feita do mesmo metal que minha irmã e me prezo do mesmo valor que ela. A sinceridade de meu coração descobre que expressou a própria natureza de meus sentimentos, embora tenha ficado muito aquém, pois eu me declaro inimiga de qualquer outro gozo que possa embargar meus sentidos e sinto que sou unicamente feliz com o amor de Vossa querida grandeza (SHAKESPEARE, 2005, p.31).

O rei fica cada vez mais orgulhoso das filhas, é também lhe dá um terço de seu reino, com o mesmo valor que foi conferido a Goneril. Emocionado com a demonstração das filhas, ele se empolga com a chegada de sua filha caçula, esperando mais bajulações, outra falha neste herói. Mas Cordélia, diferente de suas irmãs, contraria as expectativas de seu pai quando vai demonstrar o seu amor por ele.

CORDÉLIA — Meu bom senhor, vós me concebestes, educastes, amastes, em troca, eu vos devolvo, como reconhecimento, tudo aquilo que é imposto pelo dever: eu vos obedeço, amo e honro acima de tudo. Por que minhas irmãs têm marido, se pretendem conceder-vos todo amor que possuem? Felizmente, quando me casar, o esposo cuja mão receberá o meu juramento, levará metade de meu amor, metade de meus cuidados e de meu dever. Sem dúvida, jamais me casarei como minhas irmãs, para amar meu pai acima de tudo. (SHAKESPEARE, 2005, p.p.31-32)

Decepcionado com a filha mais nova, Lear demonstra todo o seu egoísmo e entrega a filha sem dote ao rei da França, sem direito a reivindicar a partilha. A filha Cordélia foi sincera em seus sentimentos, não bajulou o pai e isso o enfureceu:

LEAR – Seja; continua assim! Tua sinceridade será, então, teu dote; pois, pelo sagrado resplendor do sol, pelos mistérios de Hécate e da noite, pelas influencia dos globos que nos fazem viver e deixar viver, repudio todo o meu cuidado paternal, parentesco e identidade de sangue e, doravante, eu te considero para sempre estranha ao meu coração e a mim. (SHAKESPEARE, 2005, p.32).

A partir deste momento Lear começa a construir a sua própria decaída, desencadeia uma série de infortúnios ao seu redor: ganância, ódio, desprezo e intrigas. Assim, o herói começa a enfrentar situações que colocam em dúvidas, seus valores e suas crenças. Suas filhas Regane e Goneril perceberam a mudança do pai, é já começam a tramar contra ele.

GONERIL – Estás vendo a quantas mudanças está sujeita a velhice. A observação que fizemos não foi das menores: sempre gostou mais de nossa irmã e a forma pela qual acaba de expulsá-la indica claramente a fraqueza de seu juízo. [...] precisamos fazer qualquer coisa, aproveitando enquanto está quente. (SHAKESPEARE, 2005, p.36)

A decisão errônea do herói em premiar as filhas bajuladoras e punir a sincera é sua primeira grande falha. Dá-se início às lutas pela coroa, e Lear acaba sendo banido de seu próprio reino pela filha Goneril que não permite ao pai manter um exército no reino dado a ela:

GONERIL – [...] Deixai-vos, pois, persuadir por aquela que, caso contrário, fará aquilo que pede: reduzir um pouco vosso séquito e os restantes continuarão a vosso serviço, mas somente aqueles que convém a sua idade, que não só se conheçam, bem como conheçam a vós mesmo. (SHAKESPEARE, 2005, p.49)

Atordado, Lear busca o conforto em sua filha Regane, mas é maltratado da mesma forma por ela, que tanto amor havia demonstrado anteriormente. O seu caminho se torna trágico e ele passa da condição de rei à de homem comum, passa da felicidade para a infelicidade por causa de uma má escolha.

O dilema vivido pelo personagem se torna maior à medida que a narrativa vai se passando, pode ser observado que a personagem passa por grandes problemas como: abandono, desprezo e, principalmente, a loucura. Além disso, a velhice é mostrada como algo degradante, uma fase da vida em que o homem passa a ser julgado por incapaz, como notamos no trecho a seguir:

LEAR – Ficai sabendo que dividi nosso reino em três e que é nossa firme intenção desembaraçar nossa velhice de todos os cuidados e negócios, confiando-os a forças mais jovens, enquanto nós, aliviados da carga, iremos caminhando lentamente para morte. (SHAKESPEARE, 2005, p.30)

Ele fala de sua velhice, onde é julgado ser incapaz de tomar qualquer decisão. O herói sofre pela decisão errada e, com isso deixa de ser rei, passando a ser visto como apenas um “velho”, incapacitado para tomar decisões, o que é reforçado pela própria filha:

REGANE – Oh! Senhor! Estais velho; a natureza se mantém em vós exatamente na margem de seu limite; deveis ser governado e dirigido pela discricção daqueles que discernem vosso estado, melhor do que vós mesmo. (SHAKEPEARE, 2005, p.68)

A partir do terceiro ato, Lear se vê jogado ao relento em uma noite tempestuosa, na companhia de seu Bobo, de Kent e de Edgar que se disfarça de mendigo. Lear revê suas atitudes e descobre a injustiça que fez com sua filha Cordélia, neste momento a sua alma se eleva e ele deixa a sua arrogância de lado, e começa a tratar bem as pessoas.

LEAR – Oh! Levíssima falta, como me pareceu horrível em Cordélia. Tu que, a exemplo de uma roda de tortura, deslocaste a armação de minha natureza do lugar onde encontrava, arrancaste todo o meu amor de meu coração e o encheste de fel! Ó Lear, Lear, Lear! Bate nesta

porta que deixou entrar tua loucura (Batendo na cabeça) e sair de seu bom senso. (SHAKESPEARE, 2005, p. 49)

Lear inicia a sua luta para não enlouquecer de vez. Ao reconhecer o seu erro deixa de se iludir e se torna mais sensato em suas decisões. Seguindo essa interpretação, pode se dizer que o herói “sai” de seu mundo real e se arrisca em outros mundos, no mundo da insanidade no caso:

LEAR – [...] Há aqui três de nós que são sofisticados. Tu és a própria coisa. O homem, sem as comodidades da civilização, não passa de um pobre animal nu e bifurcando como tu és. Fora, fora, coisas emprestadas! Vamos, desabotoemo-nos aqui. (Rasgando as próprias roupas). (SHAKESPEARE, 2005, p.81)

A consciência de seu grande erro o leva a refugiar-se na própria loucura. A loucura de Lear fica cada vez mais visível, é Kent, seu fiel servidor, tenta lhe ajudar, como vemos:

LEAR – Deixai-me falar primeiro com este filósofo. Qual é a causa do Trovão?
KENT – Meu bom senhor, aceitai-lhe o oferecimento; entrai na casa.
LEAR – Quero trocar uma palavra com este letrado tebano. Em que te aplicas?
EDGAR – Em evitar o demônio e matar piolhos.
LEAR – Permite que te faça uma pergunta em particular.
KENT – Insista uma vez mais para que se vá embora, meu senhor; a razão dele está começando a perturbar-se. (SHAKESPEARE, 2005, p.82)

A destruição do herói trágico sensibiliza o leitor que se horroriza com as atitudes das filhas, experimentando uma espécie de compaixão diante da trama.

LEAR – Não façais barulho! Não façais barulho! Fechai as cortinas. Assim, assim, assim! Vamos cear ao amanhecer. Assim, assim, assim!
GLÓCESTER – Aproxima-te, meu amigo; onde está o rei meu senhor?
KENT – Está aqui, senhor, mas não o perturbeis; perdeu a razão. (SHAKESPEARE, 2005, p.87)

Este é um ponto crucial da obra, o rei já está louco, seu equilíbrio emocional não resiste às dificuldades que lhe são impostas. Segundo Kothe (1987) o herói trágico moderno precisa mostrar o alto como baixo e o baixo como elevado para que se possa ter uma obra de arte literária. Lear demonstra que tem essas características e se eleva diante de suas dificuldades, é um herói que, aprende que percebe ter errado.

Lear, completamente louco, é conduzido por Kent até o exército francês, onde o rei reencontra a sua filha Cordélia. Lá, com a razão parcialmente recuperada, tem vergonha do seu comportamento anterior, mas Cordélia não mostra nenhum rancor em relação ao pai.

CORDELIA – Oh! Olhai para mim, senhor. Estendei as suas mãos sobre mim para abençoar-me. Não, senhor, não deveis ajoelhar-vos.
LEAR – Por favor, não zombeis de mim. Sou um pobre velho caduco e imbecil de oitenta e tantos anos, nem uma hora de mais ou de menos. E para falar claro, tenho medo de não está no meu perfeito juízo. Acho que devo conhecer-vos bem como conhecer esse homem; entretanto, estou em dúvidas, pois não sei em que lugar estou e não posso, apesar de todos os meus esforços, lembrar-me destas roupas; não sei aonde passei a noite. Não riais de mim, pois, tão certo quanto seja um homem, acho que esta dama seja a minha filha Cordélia. (SHAKESPEARE, 2005, p.111)

O amor filial supera qualquer briga, vence a razão, e desta maneira o herói se torna consciente de seus erros e se arrepende.

LEAR – Deves ser indulgente comigo. Esquece e perdoa, é o agora te peço. Estou velho e louco.” (SHAKESPEARE, 2005, p.112).

Chegando ao final da obra, Lear descobre que foi vítima de uma armação de suas filhas Goneril e Regane. Edmundo, filho bastardo de Glócester, à beira da morte, confessa a trama e avisa sobre a sentença contra Lear e Cordélia, mas já é tarde: Cordélia é enforcada, apesar de Lear conseguiu matar o carrasco. Lear entra com Cordélia nos braços. Tenta reanimar a filha e delira, pensando que Cordélia ainda respira. O rei finalmente morre.

LEAR — E minha pobre inocente foi enforcada! Não, não, sem vida! Por que um cão, um cavalo, um rato estão vivos e tu, sem um simples sopro qualquer? Não voltarás nunca mais, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca! Desabotoai-me, por favor. Obrigado, senhor. Estais vendo isto? Olhai-a... olhai... os lábios dela! Olhai aqui! Olhai aqui! (*Morre.*) (SHAKESPEARE, 2005, p.123)

Vemos que a trajetória de nosso herói ocorreu a partir de suas próprias escolhas. Ele mesmo preferiu ser bajulado pelas filhas Regane e Goneril, ao invés de receber sinceridade da filha Cordélia. Esta característica o levou a errar fatalmente, pois os maus tratos das filhas o levam ao abandono, à loucura e à morte. Ele reconhece o

próprio erro, mas tardiamente o que ocasiona ainda a morte da única filha que o amava sinceramente, Cordélia.

Assim, Lear é um herói trágico moderno que cai, falha por conta das próprias decisões. O herói aprende com seu sofrimento, ele tem uma visão da realidade em seus últimos momentos e enfrenta a morte com mais dignidade, equilíbrio e paz interior.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, analisou-se a obra “Rei Lear” com foco na caracterização do herói trágico moderno, buscando evidenciar como ocorre a queda do personagem rei Lear.

Esta obra retrata a história de um rei que decide dividir seu reino com suas três filhas, mas em troca quer ser bajulado. O suposto amor filial é desmascarado quando o desejo pelo poder, a ambição e o dinheiro estão em jogo e este herói percebe que errou ao preferir ser bajulado a ter um amor sincero.

Com esta análise, percebemos que Lear se torna um herói trágico moderno porque não consegue identificar o amor da filha Cordélia, iniciando sua queda. Esse erro trágico não apresenta possível restauração, mesmo com a volta da filha rejeitada para ajudar o pai. Nosso herói erra por conta própria, decide erroneamente, ou seja, falha em suas decisões e isso o leva à morte, sua queda.

Observamos que “Rei Lear” retrata problemas próprios da natureza humana (amor, egoísmo, desprezo, bondade, sofrimentos, preconceito contra a velhice, loucura e outros), são temas que podem ser trabalhados dentro desta obra e com o mesmo autor, ou mesmo em diversas obras shakespearianas ou não. A temática do herói moderno é válida em tantas obras quantas retratem o homem moderno e seus conflitos causados por si mesmo.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 4. ed. Vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993.

EIKHENBAUM, B. et alii. **Teoria Literária: Formalistas Russos**. Tradução de Ana M. R. Filipouski e outros. Porto Alegre: Globo, 1973.

- FEHÉR, Ferenc. **O Romance Está Morrendo?** Trad. Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- HALLIDAY, F. E. **Shakespeare.** Tradução de Bárbara Heliadora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- HARRISON, G. B. **Shakespeare:** Traços da vida e aspectos da obra. Tradução de Maria Júlia Brandão Lopes. São Paulo: Melhoramento, 1972.
- KOTHE, Flávio R. **O herói.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- SHAKESPEARE, William. **Rei Lear.** Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- TADIÉ, Jean-Yves. **A Crítica Literária no Século XX.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.